

Toalha molhada

Luiz Vivas

Afonso estava casado com Joana há cinco anos. Durante esse tempo, ela sempre tentou impor ao marido rigorosa disciplina na arrumação das coisas do lar. Ele, por mais que se esforçasse, não conseguia manter nada em ordem. Em razão disso, os atritos entre ambos eram freqüentes. Não fosse essa inconciliável diferença, até que poderiam viver em paz. Casal sem prole, comungavam dos mesmos objetivos: acabar de pagar as prestações do modesto apartamento onde moravam para, depois, planejar a aquisição do automóvel 1.0, azul, cor de seus sonhos, os quais não iam muito além disso.

O marido trabalhava como vendedor, fazendo curtas viagens. Quando retornava vinha disposto a não aborrecer a mulher, a quem amava. Para tanto, sabendo-se desleixado, antes de entrar em casa, prometia a si mesmo permanecer atento para evitar proceder como das vezes anteriores quando deixava os sapatos pelo caminho, a gravata jogada sobre o abajur, a cueca por cima da estatueta de São Jorge – santo de devoção de Joana –, e outros comportamentos semelhantes.

O esforço produzia efeito apenas passageiro. Em verdade, até o exato momento em que Afonso entrava debaixo do chuveiro. Feito isso, começava a cantarolar sob a água morna e ficava ali longo tempo. Ao sair, a distração e o desmazelo tomavam conta dele. Parecia que o banho relaxava-o e, relaxado, voltava para seu estado normal, o de desleixo. Então não tinha jeito, as reclamações começavam: “Afonso, tira esta meia suja de cima da mesa de jantar, criatura!”, ordenava a mulher irritada.

Não demorava, outra reclamação em tom mais aborrecido. E outras se sucediam, deixando, por fim, Joana tão enfurecida que chegava às lágrimas.

Contudo, nada a desesperava mais do que quando o marido, após o banho, enxugava-se e, por distração, deixava a toalha molhada sobre a cama do casal. Nessas ocasiões, ficava tão enlouquecida que jogava sobre ele sapatos, tênis, cabides e o que mais tivesse por perto. Afonso tentava se desculpar, mas com essa atitude as coisas só pioravam: - Se você continuar assim, vou pedir o divórcio, ouviu? – ela ameaçava, enquanto o esposo tentava contornar a situação.

Ao ouvir a palavra divórcio, Afonso ficava aturdido. Não podia imaginar-se afastado de Joana. Afinal, ele a amava. Quando viajava, telefonava várias vezes para ela, ocasião em que não parecia marido casado há cinco anos, mas um namorado apaixonado, tal a ternura com que falava com a esposa. Durante qualquer pequena ausência do lar, ele sentia falta dela e tinha o hábito de trazer-lhe pequenos presentes.

– Divórcio!? Nem pensar, querida! Não farei mais essas coisas. Você vai ver! – dizia.

Horas depois, começava tudo de novo.

Certo dia de verão, Afonso chegou de viagem e foi direto para a cozinha onde se encontrava Joana preparando a refeição. Trouxe-lhe bonita dúzia de rosas. Ela agradeceu o presente sem muito entusiasmo, enquanto ele, suado, dirigiu-se ao banheiro do quarto do casal. Minutos depois, a mulher ouviu o cantarolar do marido ser interrompido abruptamente. Em seguida, nenhum barulho se seguiu. A princípio, não deu importância ao fato. Como o silêncio continuou, Joana foi ao quarto. Ao entrar deparou-se com a toalha molhada sobre a cama do casal e, o que é pior, do lado em que ela costumava dormir. Vendo aquilo, não agüentou:

- Você não tem jeito mesmo, não é?! Eu arrumo, limpo e você desarruma, bagunça com tudo. Seu desgraçado, não sabe que fico furiosa quando você deixa a toalha molhada em cima da cama? Não agüento mais! Você me deixa louca!

Cabisbaixo, retrucou o marido:

- Quero o divórcio!

- Muito engraçado, não é? Você desarruma tudo, deixa a toalha molhada em cima da cama, ainda por cima, do meu lado, e, tem a cara de pau de dizer que quer o divórcio?!

- Sim, querida, é que ainda não tomei banho.

Luiz Carlos Vivas Vieira, foi o escritor com o maior número de textos publicados no livro "Letras em Cartaz", coletânea da Editora Cartaz com os melhores contos, crônicas e poesias (versão 2003) provenientes de concurso literário de âmbito nacional. O mesmo escritor figura na galeria "Novos Escritores" do conhecido site literário www.releituras.com – tendo sua crônica "Seqüestro-relâmpago" sido escolhida, recentemente, como "Texto da Semana" por este especializado site. Promotor de justiça que é, Luiz Vivas colabora com a revista nacional do Ministério Público – Conamp em Revista – contribuindo com contos e crônicas à publicação. O texto acima foi cedido pelo autor a título de cortesia à "Pulmão-RJ".